

## EDITORIAL

Ao findar o ano de 2025 a Revista Numen oferece mais um volume, com artigos de temática livre que visam enriquecer perspectivas de pesquisa sobre variados assuntos no campo dos estudos sobre a religião.

O primeiro artigo é revelador, em muitos sentidos. Os estudos históricos sobre a Bíblia e sobre as comunidades originárias do Oriente próximo/médio (ou Levante) têm encontrado, também no Brasil, terreno fértil e, quando tais pesquisas se apresentam na confluência de temas como Gênero e Economia, os frutos da investigação se tornam saborosos e instigantes. É o caso do artigo de João Batista Ribeiro Santos, denominado **Vivendo em um mundo material: povos originários, a vida diária de mulheres israelitas em cruzamentos culturais e desigualdades mundanas**, que apresenta cenários geralmente invisibilizados em textos sacros a respeito de como as mulheres exerciam, em tais sociedades antigas, papéis fundamentais e mesmo imprescindíveis na formação política, cultural e econômica dos povos originários daquela região. Para tanto o autor parte de um texto fragmentário encontrado nas escavações em Qumran e, a partir dele, abre-nos habilmente cenários que se escondem nas franjas dos textos religiosos antigos, a revelar-nos as mulheres como produtoras de uma sociedade que, no entanto, as tentou esconder.

O falar em questões de Gênero lembra-nos de que somos corpos, e que corpos determinam também a ciência, e vice-versa. Assim sendo, o artigo **O corpo na encruzilhada: conceitos de corpo na Ciência da Religião**, de Eduardo Bonine, mostra-nos o quanto a análise dos corpos e de suas significações se constituem fundamentais para as pesquisas em Ciência da Religião, ou seja, o corpo marca – enquanto dominado, alternativo ou autônomo – a religião. O autor utiliza o termo “cruzo” para compreender as várias formas – criativas e resistentes – de, no Brasil, o corpo dizer-se quem é e o que quer ser no cenário religioso, a construí-lo e resignificá-lo. O corpo como *locus* da religião, como *habitat* e como criador do sagrado. Para tanto Bonine chama à conversa Agamben, Le Breton e Foucault, e brinda-nos, assim, com texto provocante.

Ainda em ritmo de ciências sociais da religião, o texto **Religião e Sociologia: apontamentos a partir de Louis Althusser e Anthony Giddens**, de Bryan Henrique Pinto, parte de uma interessante constatação: a especialização ou compartimentação das ciências acaba por seccionar a própria ciência, posto que deveria ser entendida, a ciência, como um conjunto unitário. Seria, assim, o caso da sociologia da religião, em artificial amputação sua da sociologia clássica ou geral (e de seus autores) que, a bem saber, sempre se debruçou sobre a religião enquanto organizadora do social e definidora de seus sentidos. O autor mostra-nos como, por exemplo, autores considerados clássicos como Louis Althusser e Anthony Giddens, embora não sejam entendidos como sociólogos da religião *stricto sensu*, se debruçam sobre temas como Ideologia, Estado e Laicidade a revelar-nos que a sociologia chamada, pelo autor, de sociologia clássica, a analisar a sociedade, interpreta a religião como tema incontornável em tal análise, entendendo a religião e a sociedade em uma perspectiva una em sua compreensão.

Retornemos, agora, às Escrituras judaico-cristãs, e passamos do antigo Israel para a mensagem neotestamentária. Se o primeiro artigo aqui apresentado pretendeu mostrar o protagonismo social, econômico e religioso das mulheres, Ancelmo Dantas, em **Narrativas**

**entrelaçadas e dignidade restaurada: Uma leitura simbólico-teológica de Mc 5,21–43 à luz do protagonismo feminino**, busca, *mutatis mutandi*, algo semelhante, em geografias semelhantes, mas em tempos e fé já diversos, bem como também metodologia de análise diversa, isto é, exegética e teológica. Outra diferença é a de que, embora a iniciativa feminina tenha destaque na cura da mulher relatada na perícopa analisada - enquanto agente ativa na cena -, a figura de Jesus também é acionada como personagem que reconhece tal protagonismo feminino, valorizando-o e indo ao seu encontro. A coragem e iniciativa da mulher são lidas, no presente artigo, como símbolos de um modelo religioso e de fé que ultrapassa cerceamentos e exclusões de Gênero, também eles justificados por modelos sobre impureza e lugares/papéis sociais.

**Arqueologia da Religião: Integração teórica e implicações metodológicas no estudo das materialidades religiosas: Morgan, Meyer, Gell e Latour**, de Rodrigo Nogueira Martins, conclui a seção de artigos de temática livre. A religião, embora se refira a elementos e seres não empíricos, refere-se, e muito, à empiria de tais elementos e seres entre nós através da materialidade presente em objetos, espaços e corpos, símbolos sagrados que expressam as experiências religiosas e suas mediações. A demonstrar a centralidade da materialidade religiosa para a compreensão da própria religião, o autor lança mão de uma análise pormenorizada sobre teorias, e seus autores, que trazem à tona a materialidade enquanto elemento performativo e incontornável das religiões em suas experiências vivas e concretas, a revelar o sagrado entre nós.

Por fim a Revista Numen oferece aos leitores e leitoras – como já oferecido em algumas outras edições passadas – um espaço de **Depoimento**, previsto no escopo do periódico. Presentemente é o depoimento de um pesquisador que, ao buscar a arte religiosa, encontra um artista que o surpreende em suas artes pouco convencionais no âmbito de suas funções enquanto sacerdote católico. Ou seriam elas, suas artes, convencionais, mas desterradas ao longo dos tempos e das definições, neles, sobre o ortodoxo e o conveniente? Julgue quem ao texto for.

**Prof. Dr. Rodrigo Portella**

*Editor da Revista*

**Daniel Salomão**

**Gabriel Monteiro Vale**

**Luana Alves**

**Luana de Almeida Telles**

**Túlio Fernandes Brum de Toledo**

*Equipe editorial*